

# Agora, o lucro do petróleo é nosso

A Petrobras anunciou que a produção de óleo, em abril, aumentou 16,5%, atingindo o recorde operacional com média de 1,7 milhão de barris/dia. Esse novo patamar de produção de petróleo poderá antecipar a auto-suficiência do País de 2006 para o final deste ano, uma vez que o consumo médio, hoje, é de 1,8 milhão de barris. É uma conquista respeitável.

Em 2004, a produção média da estatal ficou limitada a 1,49 milhão de barris/dia. Em 2003, atingira 1,54 milhão de barris/dia. O recuo na produção do ano passado foi explicado pelo atraso no início de operação das plataformas P-43 (conectada ao campo de Barracuda), P-48 (Carratinga) e da P-50 (Albacora).

A produção de óleo deve continuar a subir com a entrada em funcionamento de outras unidades flutuantes nos próximos dois anos. A Petrobras tem razão ao prever que em 2006 a média já será de 1,950 milhão de barris/dia, porque a empresa tem “patamar sustentável de produção que vai se ampliar”. Já se discute, até, o que fazer com o excedente de 300 mil barris previsto para 2010.

Essas conquistas são resultado de uma mudança de política pro-

movida pela estatal depois que a estratégia de “investidas internacionais” (sustentada pela Braspetro) enfrentou sensíveis dificuldades. Quando o enfoque se fixou na busca de auto-suficiência em território nacional, rompendo-se o dogma do monopólio, os resultados foram bem melhores. É necessário, agora, auferir o lu-

---

## Petrobras anunciou auto-suficiência em óleo para breve. A política de preços internos precisa levar em conta essa conquista

---

cro desse esforço. A política de preços internos praticados pela estatal deve levar em conta a auto-suficiência prevista.

Não se propõe, obviamente, a volta de subsídios, mas em 2004, mesmo enfrentando os problemas de queda de produção, a Petrobras foi conivente com o controle dos preços internos da gasolina e do diesel porque, afinal, aquele era um ano eleitoral. O gás de cozinha, aliás, não sobe desde janeiro de 2003. Precedentes existem, portanto, para que a companhia encontre a fórmula para não prejudicar os direitos

dos seus acionistas e, ao mesmo tempo, não ferir demais as taxas internas de inflação. Afinal, agora, realmente, o petróleo é nosso e o brasileiro pode, enfim, ter o direito de vincular seu real padrão de renda ao preço possível do óleo.

Por outro lado, a anunciada auto-suficiência deixa o Brasil melhor preparado para enfrentar eventuais crises internacionais. A ameaça de um conflito militar no Oriente Médio que empurre o valor do barril para US\$ 100 não é mais uma hipótese descartada nos cenários estratégicos. Nesse quadro, de emergência, é que a auto-suficiência expõe sua relevância. Com as devidas cautelas, porque petróleo não é só uma questão de produção.

Como alertou o assessor saudita Adel Al Jubeir, quando da visita do príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Abdala bin Abdul Azi, ao rancho do presidente Bush no Texas (que a imprensa registrou na célebre foto de mãos dadas), não há escassez de petróleo no mundo, mas “escassez de capacidade de refino e de infraestrutura”. Al Jubeir tentava explicar aos aflitos americanos que o reino saudita poderia elevar — como aliás prometeu — sua produção de 9,5 milhões de bar-

ris/dia para 15 milhões de barris/dia que o problema petróleo não se resolveria automaticamente.

Porque sabe disso, paralelamente à auto-suficiência, a Petrobras está iniciando a construção de refinaria de óleo pesado em Pernambuco, empreendimento binacional com a Venezuela. Do mesmo modo, a empresa quer vender a produção excedente, “agregando valor” ao óleo.

O preço do petróleo tem poder para frear a economia global. Tal risco não se construiu porque o barril deixou de custar US\$ 2, como custou nas duas décadas posteriores à Segunda Guerra. Como lembrou a última edição do **The Economist**, o jovem Winston Churchill, às vésperas da Primeira Guerra, rebateu as críticas de sua decisão de converter todo os navios da Marinha do carvão para o óleo importado, dizendo: “Segurança e certeza em óleo depende da diversidade de fornecedores, e só dessa diversidade”. A Petrobras entendeu essa regra elementar e foi buscar diversidade de fornecimento “para dentro” do País. E achou. Agora, é hora, portanto, de usufruirmos dessa conquista.